

ENTREVISTA

"Nossos corpos estão preparados para se recuperar": Uma entrevista com Ani Ganzala¹

Crislane Palma da Silva Rosa²

Luana Farias de Oliveira³

Resumo: Negra, mãe, sapatão e artista decolonial, a soteropolitana Ani Ganzala é reconhecida por elaborar, em suas aquarelas e *graffitis*, uma representação das encruzilhadas que constituem os corpos negros, sapatonas, candomblecistas, gordos, e tantos outros. Ela se apropria de diversos recursos estéticos para retratar não apenas o cotidiano à sua volta, mas as cosmovisões produzidas pelo encontro destas identidades. No momento em que passamos por uma grave crise sanitária, social e econômica no Brasil, com a perda de mais de 553 mil vítimas para a Covid-19, esta entrevista Ani Ganzala nos oferece um bálsamo para atravessar tempos difíceis, apontando saídas coletivas produzidas por um saber que é também ancestral. Além disso, ela desenvolve sua percepção acerca de temas específicos, já mencionados em sua escrita de si, como a maternidade não recomendada, o amor sapatão e o ativismo.

Palavras-chave: Lesbianidades; Feminismo; Raça; Ativismo

¹ Para esta entrevista, optamos por manter a transcrição alinhada à maneira como a conversa se realizou na oralidade, respeitando as escolhas linguísticas da entrevistada, o que é necessário quando adotamos a perspectiva de Lélia Gonzalez sobre o 'pretuguês' e buscamos compreender o movimento da língua no Brasil atualmente.

² Mestranda em Geografia. Universidade Federal da Bahia. E-mail: crislanepsr@gmail.com

³ Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia. E-mail: fdoluana@gmail.com

Sua obra tem sido conhecida pela identificação gerada em corpos dissidentes. Para começar a nossa conversa, gostaríamos que você contasse para a gente um pouco sobre quem é Ani Ganzala?

AG: Eu nasci aqui em Salvador, mas toda a minha família é do Sul da Bahia, Extremo Sul da Bahia. Camponeses, pessoas muito ligadas à terra. Meu pai até hoje planta cacau e café, então nasci aqui por um erro, digamos, embora no fundo acredite que nada é por acaso e já fazia parte do meu destino. A minha bisã é parteira, então é realmente muito estranho pra mim ter nascido em Salvador. E daí fui percebendo que a vida no interior, por mais que não tenha a possibilidade de ter dinheiro com trabalho, era uma vida mais tranquila e possível de ser vivida. Meus pais vieram tentar a vida na cidade grande e depois de um tempo viram que era muito dura a realidade sendo sem-formação, semianalfabetos, e voltaram para o interior. Eu continuei aqui. A família fragmentada, assim, de certa forma moldou como eu entendo os afetos, né? Inclusive os afetos à distância. Eu entendo que as pessoas só partem quando a gente permite aqui dentro, no coração mesmo, e é isso... Então, fui criada por minha tia-avó na cidade grande e meus pais voltaram para morar no interior da Bahia. Eu segui morando aqui, em uma das favelas mais perigosas daqui de Salvador, no bairro de Saramandaia. Não sei se ainda é, mas era tão estigmatizado que qualquer pessoa tinha que mentir sobre seu endereço pra conseguir qualquer trabalho, porque as pessoas associavam os moradores dessa comunidade a ladrões, traficantes, e era realmente muito tenso, assim... Desde muito pequena que eu via pessoas mortas nas ruas, saía para ir à escola com cadáveres humanos nas escadas e becos, então a gente crescia atrás dos portões, assustados, com medo da bala perdida. Não tinha esse espaço de brincar na rua, de correr, sabe? Porque era muito perigoso. Essa coisa de não poder sair pra rua, de só poder ter às vezes um espaço muito pequeno pra estar ainda criança, foi o que acabou me estimulando a desenhar. Desenhar como forma de escape mesmo, porque imagine pra gente – pessoas adultas – nessa quarentena, como é duro pra nossa saúde mental, pra nossa criatividade,

para o nosso corpo, estarmos cotidianamente presas dentro de casa, sem poder sair livremente... Então sendo criança ainda é mais pesado não poder brincar. Então comecei a desenhar, desenhar, desenhar e nisso tô até hoje. E hoje, digamos que a arte sempre foi minhas asas, que me possibilitou sair dessas grades, dessas jaulas, e agora de forma mais metafórica, que são as condições que a gente vivencia, as limitações, as invisibilidades, os boicotes que a gente passa e mesmo assim a arte faz a gente voar por cima dos muros mesmo. Então desde sempre ela me salvou. E aqui estou, né? Tentei muitos caminhos, assim, estudei História porque queria ser uma funcionária pública, e em meio a isso tive um surto de “o que é que eu tô fazendo com a minha vida?”, por entender que essa é a única vida que a gente tem mesmo e a gente precisa aproveitá-la da melhor forma, investindo o nosso tempo em coisas que nos trazem completude e felicidade. E nisso eu resolvi entrar de cabeça na arte, na ilustração, no graffiti, que é o meu grande primeiro amor, e tem dado bom, assim, né... Com todas as dificuldades eu consigo pagar as minhas contas e agora eu tô entrando nesse ramo de ilustração de livros, que é um outro mercado, que dá um pouco mais de estabilidade — se é que é possível falar de estabilidade (risos) — e eu tô super feliz de poder ampliar mesmo a possibilidade de trabalhar com o que eu faço.

Como ocorreu, em sua trajetória, o reconhecimento de suas identidades políticas e como elas impactam a sua criação?

AG: Como eu havia dito, desde criança que eu desenhava, mas desenhava personagens brancas. A adolescência toda foi desenhando personagens brancas, meninas de cabelos longos, olhos azuis, magras... Enfim, não eram o meu reflexo, era só o que eu queria ser ou via como belo. Então nesse processo que eu fui me entendendo enquanto sapatao, enquanto negra, afro-indígena. Foi um *boom* na minha cabeça de forma tão grande, assim, que eu não conseguia conter em mim. Nesses momentos, nos espaços, eu sempre via as pessoas expressando o orgulho da sua orientação sexual, de gênero, seu

pertencimento étnico ou étnico-religioso através da fala, através do discurso, através da poesia, declamando, através da performance... E eu falava “nossa, eu preciso tirar isso daqui”, só que eu nunca fui boa falando. A fala sempre foi o meu grande desafio, assim, de aprender a falar e como falar, entender o processo, mas, enfim... Eu era bem pior antes, não conseguia falar nada, [era] muito tímida. Eu falava “nossa, então... Eu sei desenhar”. Então desenhar, que era o que eu já sabia, acabou sendo esse meio de expressão de algo muito grande que tava acontecendo comigo e eu simplesmente não sabia como expressar isso. E sentia também a necessidade de expressão, porque a maioria das narrativas – e eu tô falando de 11 anos atrás, 10 anos atrás – eram narrativas dentro do movimento negro, narrativas de homens negros. Dentro do movimento negro, as mulheres eram sempre coadjuvantes desse movimento de luta. No movimento lésbico, eram mulheres lésbicas brancas que falavam, né? E eu estava ali tentando me encontrar em algum lugar, vivendo processos que eram muito únicos pra mim e pra’s minhas iguais, e que não via, não encontrava eco. E aos poucos fui conhecendo algumas pessoas. Aí eu conheci a Tatiana Nascimento, que foi uma das primeiras pessoas que nesse momento se autodeclararam enquanto sapatão preta. E ela traduziu a Audre Lorde, né? Porque até esse momento não tinha referência de artistas sapatão negra que trouxesse o seu trabalho e um pouco do que é esse mundo. Eu falo mundo porque nós não somos apenas algo voltado à nossa sexualidade ou até mesmo à cor, mas meio que uma cosmovisão mesmo de quem somos, tanto espiritualmente quanto o nosso corpo no mundo, nossa geografia. São várias outras coisas que nos compõem e nos faz ser do jeito que somos, também. Então quando eu conheci a Tatiana, e a Tatiana começou a discutir isso num encontro de lésbicas que acontecia aqui em Salvador, chamado *Vulva La Vida*, ela começou a questionar o racismo no meio lésbico e a falar da importância d’a gente falar de nossas perspectivas. Várias lésbicas achavam que a pauta racial não cabia dentro do movimento lésbico, porque se a gente tá num espaço lésbico então só precisamos falar sobre essas coisas: sobre vagina, útero, sobre

afetividade, sobre essas coisas, e que raça não cabia no espaço. Então era um momento realmente de embate, assim. Depois eu fui passar pela mesma experiência no encontro latino-americano em Colômbia, encontro lésbico lá em Colômbia, que houve o mesmo embate e eu ficava muito chocada com tudo isso, assim... Do quanto até pra gente existir nesses espaços, que de certa forma era um espaço seguro, não era ainda um espaço seguro pra gente. Porque enquanto não fosse discutida a nossa espécie ali, muitas coisas, muitas microagressões, muita sexualização do corpo negro nesses espaços estariam acontecendo. Muito de racismo estava acontecendo ali de forma velada ou não tão velada, então todas essas coisas, de certa forma, me sustentaram pra trazer na minha arte algo que era muito caro pra gente, que era a visibilidade. Que ainda é, né? Por mais que a gente veja hoje muita coisa sendo feita, a gente vê quem consegue ter mais visibilidade nas redes sociais. Quais são os perfis mais desejados? Então foi a forma como eu encontrei, assim, pra me expressar e me entender. Não foi o movimento simplesmente de “ah, eu preciso ser ativista e preciso fazer algo pela minha comunidade”, mas foi também a forma que eu encontrei pra entender o meu mundo, entender os meus afetos, entender sobre a minha sexualidade, sobre o meu erótico, sobre a minha espiritualidade, como tudo estava. De alguma forma, era parte de um só mundo, não eram coisas desfragmentadas ou separadas, mas como parte de um todo. E que acabou, coincidentemente ou não, a ter eco, começou a ter escuta. Comecei a falar de mim mesma, e sobre várias das nossas, assim, que também eram candomblecistas, que também eram mães, que também eram sapatonas e pretas. E daí virou algo maior, virou algo que não me pertencia mais. Me senti e me sinto como alguém apenas que interpreta, que lê, e só escreve o que já tá aí, né? Então a arte se tornou uma coisa muito mais importante pra mim no sentido em que ela fez sentido também pra outras pessoas. Ela chegou pra outras pessoas, que a entendia, que a acolhia, e que era importante pra elas o que eu fazia.

Há uma sensação erótica despertada pela sua arte que gera um profundo reconhecimento e afago em nós, sapatonas. Erótica no sentido trazido por Audre Lorde, como uma fonte de poder e satisfação. Qual o lugar do erótico na sua vida?

AG: Esse meu encontro com o erótico tem a ver diretamente com a Audre Lorde. Porque até esse momento o que eu lia de teoria lésbica, feminista, era na verdade uma supressão do erótico ou uma coisa mais voltada pra pornografia, né? O que chamam pós-pornô. E foi a partir dela que eu entendi o quanto o erótico tem mais a ver com uma força vital, com algo que nos anima, no sentido de que quando as pessoas estão fazendo exatamente aquilo que querem fazer, elas transmitem uma energia, uma energia até sensual, assim, de poder, de completude, e de alguma forma eu comecei a almejá-la também, a falar “nossa, é por isso que eu quero tá fazendo arte, porque eu quero tá completamente realizada nisso e plena”, plena no que eu tô fazendo independente do que o outro vai pensar. No sentido de “ah, eu não gostei tanto do que você fez”, mas se eu me sentir plena com isso, isso não vai ter tanta importância, porque é minha experiência de plenitude. Se eu não tiver satisfeita e a pessoa amar, isso não tá me dizendo nada, eu vou continuar ali insatisfeita com o que eu fiz. Tem a ver com isso mesmo, dessa autorrealização, esse caminhar no mundo, caminhar segura. Quando eu falo isso não significa que eu vou estar segura em todos os âmbitos da minha vida, né? O que às vezes até confunde as pessoas porque elas acham “nossa, ela é tão segura e tal...” e acham que as pessoas não têm trauma ou mesmo problema de autoestima em outros âmbitos. Isso não anula, porque é um processo que talvez leve uma vida inteira, mas vai ter lugares em que eu vou caminhar com altivez, com altivez e dignidade. E eu acho que o erótico tem a ver com isso, esse caminhar com dignidade, com altivez, com orgulho do que somos, do nosso caminho, do quanto a gente conseguiu transpassar barreiras e que tudo na nossa vida agora faz sentido, porque a gente sabe, a gente é dona do nosso destino. Eu sei quem eu sou, sei quem está comigo, sei que energias me guiam e tô conectada com tudo. Tô conectada com as plantas, com a borboleta que passa, tô

conectada com os meus sonhos, conectada com as pessoas que tãõ ao meu redor. E é isso, pra mim, de forma muito grosseira, é exatamente isso, um empoderamento. Mas não um empoderamento estético, de você ter roupas caras, viajar, ir pra *spa*, mas acessar esse poder interno que nós temos e saber que emana o poder, que eu não tô só, que tem seres encantados que me acompanham e me apoiam. Empoderamento é muito mais nesse sentido. E a gente anda com fé, a gente anda sem tanta agonia, sem tanto desespero. A gente não precisa invejar as conquistas das outras pessoas porque a gente sabe que cada pessoa tem seu tempo, e que se não aconteceu ainda uma hora vai acontecer, porque as coisas só acontecem na hora certa, então a gente só celebra junto e fala “nossa, que bom que fulana foi não sei pra onde, ganhou tanto, participou de tal coisa”. Acho que tem a ver com isso, a gente não se segura mais na insegurança, sabe? A gente conversa com ela. Essa coisa de conversar com a nossa própria insegurança e falar “sim, qual é, por que tá sentindo isso? Venha cá...”. Quando eu falo isso não é que eu tô, tipo assim, já alcancei o nirvana e não sinto insegurança, mas é reconhecendo ela. Muitas vezes eu vejo uma colega de profissão que conseguiu passar na mesma seleção que eu estava concorrendo. Aí a primeira coisa que passa pela cabeça é: “por que ela e não eu? Ah, mas ela só tem 3 anos de trabalho...”. Começa a ver essas coisas e que se a gente não cortar, vai crescendo, vai crescendo, vai crescendo e toma conta da gente, vai tirando o nosso poder interno. Nesses momentos que essas coisas chegam, aí você vai falar “ok, por que você tá sentindo isso? Tá com ciúme, tá com inveja por quê? ”. E pensar no seu próprio processo, de entender que se não foi não era pra ser. E, assim, dando o exemplo disso, teve uma chamada pra fazer um graffiti num prédio aqui em Salvador e claro que todo mundo mandou projeto e todo mundo quer ser selecionado, porque a grande realização de um grafiteiro é poder ter sua arte no tamanho de um edifício, numa dimensão grande... e eu também queria. E aí saiu os selecionades e eu fiquei “nossa, poxa, não tem meu nome aí”. Comecei a olhar o nome de todo mundo, aí “nossa, só tem fulana, não tem uma mulher negra, sapatão...”. E aí passei por um

processo de conversar comigo mesma, e depois que eu conversei com a minha própria insegurança, com minha própria inveja, eu tive um sonho à noite. Aí no sonho eu tava indo pra um caminho, assim, na mata, e do lado tinha um grande *shopping*. Eu desviava desse caminho que eu ia, que era como se eu entrasse na mata pra chegar em um rio, então desviava desse caminho pra entrar nesse *shopping*. Só que eu tava muito apertada e precisava fazer xixi, aí falaram que era no último andar, que o banheiro era no último andar. Só que eu entrava no elevador e o elevador não tinha paredes, era todo de vidro. E foi subindo, foi subindo, no sonho comecei a ficar em pânico com a altura, me ver naquela altura toda e com medo. Eu fiquei com tanto medo que eu fechei os olhos e precisou dois homens negros entrarem e eu, com olhos fechados, pedir pra me tirar dali porque eu não conseguia me mover. Aí eles foram e me tiraram do elevador. E eu fiquei refletindo sobre isso e tinha a ver exatamente com essa grande visibilidade que eu queria, com essa altura. E como é que eu quero algo tão grande se eu ainda tenho tanto medo, tanto de altura quanto de grande visibilidade. E aí tá a resposta... A gente mesmo tem a resposta do porquê a gente não consegue, não é pra gente... Às vezes o que a gente quer não é o que a gente precisa também. Aí eu fiquei com o coração bem tranquilo depois disso. Ia ser muito horrível fazer um contrato pra um trabalho nas alturas, eu tenho fobia de altura... Imagine como seria esse processo de ter que fazer algo de uma maneira que seria tão desagradável pra mim, né? E toda a visibilidade que isso ia trazer e que nem sempre é uma coisa boa, sabe? Enfim, foi só um exemplo de que a gente quer, ou tá invejando, não é exatamente porque a gente realmente quer, mas é só o ego falando, porque a gente gostaria de falar “ó, tô aqui selecionada, não sei o que...”.

Tem o tempo das coisas também, né...

AG: É, tem o tempo das coisas. E é confiar nas próprias guianças, em quem tá com a gente. A gente não tá só e também não tá só nem nas decisões.

Enquanto você falava sobre esse erótico, que de algum modo também é coletivo e que interfere em todos os outros processos, de auto-confiança, empoderamento etc., me lembrei de alguns lemas que são trazidos pelos movimentos de mulheres negras relacionados à autodefinição e à autodeterminação. A sensação que tive enquanto você falava foi justamente nesse caminho de reconhecimento do erótico e desse poder interno como algo que atua e interfere diretamente nas relações da comunidade negra, da comunidade de mulheres negras, de sapatonas negras, uma vez que essa autodefinição e autodeterminação também vai ser coletiva.

AG: Sim, sim. E aqui em Salvador isso é demais, assim. Entendendo como a gente faz parte de uma outra forma de relação com o próprio corpo, com nosso movimento corporal, também, sabe? E o quanto tudo é muito espiritual e tem muito a ver com o encanto, com a capacidade de encantar e de estar bela no mundo, pra nós e pras outras também. É como alguns signos sociais que só a gente consegue identificar entre nós, tanto dentro da comunidade lésbica, sapatão, como dentro das comunidades negras, de rua, em que a escolha de se vestir com tecidos africanos, de usar turbantes é também uma forma de reverenciar nossos ancestrais e dar uma continuidade estética a isso, porque é tanto para nos identificarmos quanto para algo íntimo, que é esse ato de continuar algo que foi interrompido, como também parte de um outro estar erótico no mundo, porque é muito diferente estar entre pessoas negras, seja uma festa, seja uma conferência. Há todo um movimento de ombros, de cintura, e que não é exatamente algo sexual, mas que também é erótico no sentido desse empoderamento, desse saber quem é, desse reconhecimento da sua própria comunidade, que é de si, de dentro pra fora, mas que também é de fora pra dentro. E que é isso, de que realmente é algo coletivo. E nós sapatonas pretas estamos também construindo isso, já que não temos referenciais, né? Essa questão de ser sapatão, a aceitação disso dentro dos movimentos negros, isso é recente. Existe essa crença de que a homossexualidade é algo trazido pela cultura

ocidental, branca, então há um apagamento histórico que ainda precisa ser revisitado. E a gente tá nesse processo mesmo de gritar nossa existência, de criar os nossos próprios signos, trazendo, respeitando e honrando a nossa ancestralidade, mas buscando também o caminho em que nada seja mais apagado, em que a gente não tenha que renegar nada, nenhuma parte das nossas existências. E por isso que também é coletivo, porque a gente precisa realmente se ver, se encontrar umas nas outras, e criando uma cultura, buscando referências, entendendo também que a gente não tá começando nada, mas continuando algo que já está em processo há muito tempo. Eu acho que tem a ver também com isso, do quanto pra gente é um outro caminho, assim, de passagem e de encontrar as nossas referências, nos referenciarmos e estarmos nesse movimento pra não sermos silenciadas nem apagadas. E por isso que eu acho tão importante essa entrevista de agora, esses dossiês... Eu tô entendendo esses movimentos de agora porque senão daqui a pouco essa geração de agora, que já tá nascendo, nem vai saber que houve todo movimento antes. Então por isso é importante esse registro, essa memória.

Você transita por diversos espaços formativos, organizativos e artísticos na América Latina. Delineando esse encontro de perspectivas produzidas no Sul Global, qual é o impacto que eles têm em sua cosmovisão e prática política?

AG: Eu sinto que ainda não consegui elaborar a dimensão disso, que é poder ter ido pra vários lugares e visto diversas formas de existir, de existir seja lésbica, sapatão, *bollera*, *arepera*, *tortillera*, *pamina*, *stud*, *butch*, *pájara*, mas de alguma forma foi pra entender que é um movimento legal, mas é um movimento, assim, digamos, bem maior, de corpos dissidentes, de lésbicas, e é uma grande diversidade de lugares de fala, né? Estando em Colômbia, por exemplo, eu conheci um grupo de indígenas Maias, e elas falavam da dificuldade de serem aceitas por sua aldeia e do processo que foi pra elas lutarem e exigirem do seu próprio povo esse reconhecimento. E explicando também o quanto isso é parte de uma colonialidade que foi imposta a diversos povos e, enfim, de

entender muita coisa do que a gente acaba não tendo acesso, porque não chega na mídia. E nas redes sociais, a gente acha que tem acesso a tudo, mas muitas vezes a gente só tem acesso à nossa própria bolha e não tem acesso, por exemplo, a como vivem as lésbicas na Palestina, seja no povo Maia, Inca, enfim... Diversos povos diferentes que estão também nas suas próprias lutas, que nem sempre estão nos mesmos lugares que nós, mas que estão aí, estão buscando as mesmas coisas, que é a liberdade de poder viver com dignidade, com integridade, ter direito a saúde, alimentação, trabalho... E que não é só a gente, né? Há muitos outros grupos que não fazem parte de um grupo hegemônico, digamos, mas que estão em luta também. Então foi muito mais voltado pra isso, assim. E que são outros tempos. Cada lugar tem seu tempo, está passando por seu momento, e o quanto a gente aqui às vezes tá muito pra frente também, né? Quando a gente pensa que tem lugares que é proibido, é crime, as pessoas são mortas só por se autodefinirem enquanto sapatonas, trans, gays... Então, entendendo esses processos e o quanto é importante a gente continuar, não se acomodar com isso, porque tudo que a gente faz aqui de certa forma influencia o todo. Por mais que pareça que a gente tá vivendo, né, esse momento aqui, nesse tempo pra nós, isso tudo é muito conectado também. A gente se influencia. As revoluções são todas feitas de forma conectada também, então foi muito nesse sentido do aprendizado, assim. Eu tento trazer isso na minha arte no sentido de estar fazendo, de estar divulgando, porque eu sei o quanto é importante pras pessoas que não podem – muitas – se assumir, seja aqui, seja lá. Tem muita gente que não pode sair do armário, porque sairia muito caro sair do seu seio familiar, né? Ter que abrir mão da sua própria família pra assumir algo que muitas vezes vai trazer mais sofrimento do que felicidade. Então é isso, assim, eu acho que esse papel de tá tentando, trazendo na arte as nossas vivências, e trazer de uma forma que seja sobre afeto, de saber que a gente pode construir novas famílias também... A gente pode encontrar amor, encontrar comunidade, uma tribo, né? E que não é simplesmente aqui na cidade, mas que a gente pode construir uma comunidade sem fronteiras, porque a

gente vai se conectando e conhecendo gente de tudo que é lugar, a gente se apoia, a gente se liga. Então lá também é um lugar de encontro, de construção de família, né? E que não é fácil porque a gente vem com nossas bagagens também, mas é possível construir esse caminho. E eu agradeço muito, assim... Tanto o meu pai quanto a minha mãe são evangélicos, e até hoje eles acreditam que é coisa do demônio, que a minha alma está perdida. E eu não espero, assim, que em algum momento eles aceitem isso, né? Mas nesse processo eu fui descobrindo que a gente também pode construir uma outra família, outras relações que nem sempre chegam de forma compulsória, como é a construção de família, mas são escolhas. A gente escolhe as pessoas que a gente quer na nossa vida e que a gente vai levar pra vida toda, porque a gente sabe o quanto é importante a gente envelhecer com uma comunidade. E agora que eu tô com 33, eu penso bastante sobre envelhecer, sobre como eu quero envelhecer e as pessoas que a gente quer por perto, né? E tem a ver com isso, assim... O quanto pra gente é importante criar uma família, pra quem não tem essa relação com a própria família. A gente quer construir uma nova família afetiva pra traçar planos, pensar no futuro, se acolher, se apoiar em todos os sentidos, e se cuidar mesmo e cuidarmos umas das outras.

Quais são as principais influências para as suas criações hoje?

AG: Assim, é porque tudo que toca, né? Tudo que chega acaba também nos influenciando, nos impactando, então a lista seria muito grande, assim, de influências. Até as coisas que não são pra gente, acabam sendo também influência. Tipo assim, se eu vejo algo que é criado pela própria, digamos, pela própria cultura heteropatriarcal, eu posso criar algo que eu fale “por que eles podem e a gente não pode?”. Por exemplo, o quanto as famílias heterossexuais são exaltadas na nossa cultura e sempre colocam as pessoas LGBTQIA+ como pessoas inférteis, que não são capazes de construir família, né? Muitas vezes é a partir daí que eu falo “não, então vou fazer uma família de duas mães e uma criança, vou trazer essa coisa da maternidade pra o meu trabalho”, porque

não somente é algo do qual eu me insiro, como há um estigma social muito grande em relação às pessoas LGBTQIA+ na construção de família, sobre a capacidade de ter seus filhos e descendência. Então nem sempre as coisas chegam a partir de boas influências, mas também como respostas a coisas que não são verdades sobre a gente. A Tatiana Nascimento, Audre Lorde, Angela Davis, a bell hooks, todas as pessoas, não somente mulheres, que trazem algo que eu possa ver, que eu possa refletir e crescer com isso, pra mim é uma influência. E a cada dia mais eu venho percebendo que a gente precisa aprender com tudo, né? Que tudo é uma escola. Esse aprendizado pode vir de uma forma bonita, poética, mas que vai me trazer um aprendizado e isso vai, de alguma forma, mudar a forma como eu vejo, como eu me relaciono com o outro, com o meu trabalho, a minha arte. Então, enfim, a gente aprende com tudo mesmo, com tudo! E se a gente não aprende, eu acho que o universo sempre vai tá jogando aquilo na nossa cara, até que a gente... (risos), até que a gente aprenda. Até com uma dançarina, sabe? Com um feirante, com minha irmã de santo, com minha Mãe de Santo, com meus irmãos de axé, com os Orixás, com a natureza. Tudo tá ensinando algo. Ultimamente eu tô aprendendo muito com a natureza. Deixando de focar tanto no humano.

Conceição Evaristo, numa atividade recente, falava que, para ela, a palavra não tem sentido se não estiver comprometida com a vida, o que nos remete à expressão da sua arte. Você acredita que a arte deve ter um papel?

AG: Totalmente, totalmente. Eu acho que a arte cura, né? Então vem pra curar tanto a gente, quanto as pessoas dentro da gente. E é meio que tirar a roupa mesmo e colocar a arte. Eu me sinto muito nua, né? E acho que por isso também tem tantas personagens minhas nuas, porque é esse ato de despir mesmo, e falar tanto de coisas que são agradáveis, quanto são incômodas. Então não seria possível, por exemplo, eu falar de experiências das quais eu não tenha proximidade ou conhecimento, sabe? Não faz sentido. Embora nunca tenha conhecido o povo Krenak ou o povo Yanomami, me sinto

inspirada e sensibilizada por essas culturas através das leituras que chegam até mim. Eu tô aqui e prefiro elaborar a partir disso. Porque a inspiração parte do movimento generoso de partilha do conhecimento que chega até mim e que precisa ser redistribuído. Então, enfim, nem sempre pode partir de algo da gente, mas algo de que realmente a gente é movido, né? Como Stella do Patrocínio. Ela foi um ser encantado, assim, e eu queria muito que ela não tivesse tido a vida que ela teve. É uma potência tão grande, que me emociona a cosmovisão dela sobre o mundo, sobre o seu próprio ser, que tá muito conectada também com a cosmovisão Yorubá e de diversos povos indígenas. E eu fico “caramba, como ela trouxe tudo isso aqui sozinha?”. Ela já era o próprio cosmo aberto. Não é simplesmente porque o que ela trouxe me tocava, mas porque eu me via nela, porque a minha fé, a minha cosmovisão espiritual se encontra com o que ela traz, né? Por isso que eu a honro, eu a respeito. Tenho certeza que ela agora virou bicho e tá por aí, voando, nadando, tá correndo. E, enfim, é uma inspiração. Conceição Evaristo com sua poesia, a forma como ela escreve sobre outras mulheres, né... E quando você lê essas outras mulheres, cada uma tem um pedacinho da gente também. Então são muitos atravessamentos, e que é também sobre nós. E esse erótico que é nosso e que também é coletivo, né? Quando a gente tem acesso a essas outras narrativas, você fala “isso é sobre a gente!”. Isso é poderoso e eu quero me alimentar disso também. E a gente se alimenta e alimenta os outros também. O que criamos serve de alimento pra nós e pra outras pessoas.

Na elaboração sobre suas obras nas redes sociais, é comum você falar sobre o "amor sapatão". O que é amor sapatão pra você?

AG: Amor sapatão... (sorri). Então, eu venho de uma família que nunca expressou afeto, né? Então o meu primeiro contato com o amor foi com uma outra mulher. Foi a primeira vez que eu ouvi um “eu te amo” e que me senti muito feliz também em amar, em poder dizer que amava, e... e ao mesmo tempo, é o amor que não pode ser expressado em

qualquer lugar, né? Não é reconhecido, nem sempre é legítimo, e por isso que pra mim sempre foi muito importante falar sobre afetividade, porque é algo tão caro pra gente, né? Afeto, amor, é um tema muito caro pra gente que vem de luta, que está sempre falando sobre o genocídio, sobre precarização, sobre falta de acesso, sobre tantas dores, e no meio disso tudo a gente ainda consegue amar. Então é algo muito poderoso, né? O amor! Ele vai aonde muitas vezes tem muita escassez também, e mesmo a gente tendo tanta escassez de tantas coisas que são nossas por direito, a gente tem o amor, né? E pra mim, assim, me ver enquanto sapatão é também um momento que revoluciona o sentido do amor pra mim. E também... Não vou dizer que “é”, mas que em minha experiência é uma prática, assim, de um amor mais horizontal, e que a gente tenta dialogar com a outra não como uma relação de poder ou de *status*, mas de construção mesmo de vida, de aprendizado, de se ver, de se enxergar estando com outra pessoa, de autodescoberta, de troca, de afirmação, de acolhimento, então o amor sapatão é como uma planta daninha mesmo, né? Como essas plantas que crescem no asfalto e mesmo diante de tantos obstáculos, tanta dificuldade, ele tá ali, tá vivo, e a gente vai construindo justamente um lugar. Um lugar nosso pra chamar de amor. E a gente vai construindo, porque a gente não tem muitas referências do que é esse amor pra além de uma ótica heterossexual, uma ótica ocidental branca heterossexual. Então a gente tem que reaprender sobre o que é esse amor, sobre como amar e se autorrespeitar. Como amar e respeitar sua subjetividade também. Então é um processo, assim, que eu estou aprendendo, mas que já mudou minha vida. Eu poderia morrer sem saber o que é amor, e abraçar essa minha sapatonicidade tem a ver também com essas descobertas que são boas, né? Ser sapatão não é só coisa ruim, não. Muita gente acha que vai ser uma experiência ruim, que vai ser só perda, só choros e dramas, mas há muita coisa linda também nisso. E pra mim isso foi o que me salvou, assim, me salvou de mim mesma, né? Poder viver o amor, poder aprender a amar, poder aprender a me amar, a me respeitar, e aprender também sobre limites, né? Saber até onde a gente pode ir, o que a gente pode oferecer, o

que a gente pode esperar da outra e o que não dá conta da gente criar expectativas, sabe? E entender sobre tempo, sobre o tempo de cada pessoa... Tudo isso tem a ver também com a minha experiência em ser sapatão. É... Então, por isso que é algo que se manifesta muito no meu trabalho, porque o amor é revolucionário e revolucionou a minha vida, assim. Embora seja trabalho, assim, não vem pronto, é algo que a gente precisa trabalhar. E nem sempre a pessoa que a gente acha que é a pessoa da nossa vida, vai ser “a pessoa”. Às vezes são duas peças de quebra-cabeças que a gente acha que combina, mas que nunca vão se encaixar, mas a gente tá achando que vai se encaixar porque são muito parecidas. E tem outras experiências que se encaixam perfeitamente mesmo, mas que ainda precisa ser completado, ser trabalhado também. Então o amor é trabalho, mas o que ele traz pra nossa vida faz valer a pena, né? Principalmente nesse mundo de hoje em que o amor se tornou algo tão banal. Então, quando eu trago essa mensagem sobre afetividade, é realmente pra as pessoas que botam muita fé nisso, né? Do porquê a gente sai do armário, né? Normalmente é sempre porque a gente cai de amores por alguém, né? Assim, por exemplo, pra mim, eu sempre fui muito moleque-macho, mas aí quando me tornei mãe, coloquei meu vestidinho, porque eu queria ser um exemplo de mãe, não sei o que, e pra muita gente, continua no armário porque nunca houve um grande *boom* na sua vida, né? Assim, de se apaixonar intensamente por outra pessoa, de estar amando... Então o amor vai te tirar daquele lugar, sabe? Ele é movimento, ele vai chegar tirando tudo do lugar, questionando tudo e nos permitindo aprender e mudar. Então é um ponto muito importante. Eu acho que... Eu sinto que não somente pra mim, mas pra todas nós, o amor é algo caro e importante.

Em suas criações sobre o amor sapatão há, também, a representação da sapatão sozinha, o que é muito raro nas produções sobre lesbianidades, já que a fetichização das relações lésbicas acaba se tornando um elemento básico pra

comercialização dessas imagens. Você poderia falar um pouco sobre como você constrói essa outra via para a nossa representação?

AG: É, isso tem a ver, inclusive, com a minha própria linha temporal, porque o início do meu trabalho é sempre muito, assim, de casais lésbicos. E essa coisa da sapatão sozinha e bem, não como algo ruim, chegou com esse amadurecimento também meu, de algo que é “ok, eu já sei o que é isso”, e agora experimentar o que é ser uma sapatão sozinha e estar bem consigo mesma e falar sobre isso, assim, de que a gente é sapatão em qualquer momento, não somente quando a gente tá em um relacionamento, mas conosco mesmas. A gente tem nossa própria forma de ver o mundo, de se ver, né? A nossa orientação sexual e de gênero não tem a ver exatamente com outras pessoas, mas com a gente. É algo tão íntimo, né? Desde a roupa que a gente escolhe usar, ou como a gente se alimenta, as pessoas que fazem parte do nosso meio, do nosso círculo, e tem a ver também com nossas identidades. E foi a partir daí, pensando nesse ritual, de estar nesse corpo, nessa coisa de cortar, de ir no barbeiro, ou ter uma própria máquina de cortar cabelo, de ter esse corte de cabelo, das roupas que a gente escolhe, e de incômodos que às vezes a gente passa na rua quando está sozinha, né... A própria lesbofobia na rua, e que nem sempre tem a ver com estar com outra mulher. Tem coisas que a gente passa com a gente mesma, né? Inclusive algo que é tão importante de se falar, como o autoamor, o autocuidado, que é quase sempre colocado em último plano, porque as pessoas ainda confundem autoamor com egoísmo, egocentrismo, narcisismo, e não tem nada a ver com isso, gente! Tipo, autoamor tem a ver com como a gente se ver com nós mesmas, de se olhar no espelho e se ver bonita, né? E querer se cuidar, e querer estar bem, prezar pelo nosso sono, sabe? Pelas relações que a gente constrói, pelo nosso silêncio, por estar se alimentando como a gente gosta de se alimentar, com tudo isso. E isso tem a ver também com a nossa sexualidade, né? Com ser sapatão. Não é somente estar amando outra mulher, mas é muito mais profundo, é como a gente chega nos espaços, chega no nosso terreiro, seja no shopping, né? É sempre um outro olhar, né? E

pra mim que sou mãe, isso é muito complicado também, assim, porque as pessoas ainda não se dão conta que a gente pode ser mãe, sabe? E acabam sendo espaços que não nos cabem também, porque são extremamente heterocentros, então as experiências são muito voltadas pra mulheres hétero e tal, cisgênero, e que fala de uns lugares que você não se vê ali, da sua experiência com o marido, e não sei o que lá, e com a sogra. E, tipo assim, hoje eu entendo porque eu não tenho sogra, porque pra mim é difícil estar em relação com outra mulher, como é difícil pra mim estar no mundo sem apoio de pai, de mãe, de tia, de prima, então tudo isso tem a ver, sim, com minha sexualidade, né? Não tem como separar, assim, “eu sou sapatão porque estou com alguém”, porque eu sei que o mundo é um sistema, né? É um sistema que nos exclui mesmo, e que a gente sempre é um corpo estranho, sempre uma narrativa estranha. A gente fala “ah, a minha companheira...”, as pessoas ainda ficam assim, tipo, “nossa!”. Ainda soa como algo estranho pra maioria das pessoas, e nem sempre é confortável pra gente estar em um meio de mulheres, de pessoas heterossexuais compartilhando nossas experiências. Não é. Então pra gente é vital estar em uma comunidade sapatão, lésbica, pra compartilhar, pra nos acolher, nos escutar. É vital pra nós termos amigas que a gente possa falar sobre nós e a pessoa entender exatamente sobre o que a gente está falando, sem especulação, sem aquele tom de curiosidade ou desaprovação. Então é muito mais do que isso. Sapatão é muito mais do que um corpo de que mulher que se relaciona com mulher, é uma outra forma mesmo de estar no mundo, de viver, de se relacionar.

No dia das mães você fez uma aquarela e dedicou a mulheres que, como você, assumem o lugar da “maternidade não recomendada”. O que seria essa maternidade não recomendada, e como esse lugar interfere na sua criação?

AG: Assim, primeiramente sobre essa imagética, sobre imagem: as imagens ocupam um espaço muito importante na nossa vida. O que a gente vê, assim. A gente usa muito o comercial de margarina, né, pra falar sobre os lugares em que a gente não se vê. Então,

por exemplo, hoje tá sendo uma conquista muito grande ver casais, pessoas lésbicas em novelas, em filmes que não sejam voltados exclusivamente para esse público, mas ainda precisa ser naturalizado muitas coisas, né? Inclusive a maternidade. Então eu já passei por muitas situações, como na escola da minha filha, em que a forma como eu ser sapatão acaba virando uma fraqueza, um ponto de vulnerabilidade para o *bullying* nas escolas. Na escola, no imaginário das pessoas, elas acham que por eu ser sapatão não é possível eu ter filha, mesmo eu tendo todo um sistema reprodutivo que ainda funciona, mas é isso, assim. Há esse discurso muito forte de que não somos férteis, de que não temos... não procriamos. Tanto pra gente quanto pra pessoas trans, pra homens gays, e seja adotando, seja tendo, né... Enfim, há muitas maneiras de ter filhos, mas ainda é algo que as pessoas não conseguem lidar. Então, muitas vezes eu tô com minha filha e as pessoas perguntam: “ah, ela é filha de quem?”, “você é o que dela?”, “você é tia?”, e eu falar “não, eu sou mãe”, e a pessoa falar “você adotou?”, ou simplesmente não acreditar que eu tive uma filha. E eu acho isso muito estranho, né? Mas isso tem a ver exatamente com esse imaginário, assim, porque não nos vê ocupando lugares ou fazendo coisas além do óbvio, né? E o quanto... Por exemplo, no dia das mães a gente não vê casal de mães, principalmente negras ou indígenas, representando essa maternidade, né? Corpos que não são femininos representando a maternidade... E a gente vê como é difícil ainda, a gente ver o que acontece, “ah, porque a mãe era trans”, “ah, porque o pai era trans”, aí gera toda uma comoção, uma polêmica, sendo que, gente: onde é que tá a dificuldade nisso, sabe? Então é porque realmente há uma ideia nisso de que somos corpos que não podem procriar, né? E é massa pra quem nunca quis mesmo ter filho, mas pra quem pensa em ter filhos, pra quem tem esse sonho – e é uma outra coisa que não tá exatamente ligado a sua orientação sexual ou seu gênero – passa por outras dificuldades, assim, de reconhecimento social mesmo, né? Porque é muito... Esqueci a palavra que eu queria usar, mas, enfim, o imaginário ainda é muito tacanho na

diversidade que temos de parentalidade... Então é um trabalho, assim, é desafio e é muito difícil. É muito difícil.

Você representa, nas ruas e nas aquarelas, uma multiplicidade de corpos muitas vezes invisibilizados: negras, indígenas, gordas, trans, não binárias, candomblecistas... Como é que você costura as referências para essas imagens?

AG: Tem a ver com o meu próprio círculo de afetos, de amizade. De pessoas que estão próximas, que eu acompanho, então mesmo corpos que não necessariamente sejam sobre minhas próprias vivências, são das pessoas que estão por perto, e que escuto, leio suas escrituras, acesso suas narrativas. Das pessoas que estão também nesse trabalho, assim, de lutar por ter sua própria voz, seu próprio lugar de fala, e eu acho que trazer pra junto é importante. Porque se eu tô falando sobre mim e sobre o que me toca, como é que essas pessoas não estão no meu trabalho, né? Então é sobre mim e é sobre as pessoas do meu próprio quilombo. Sobre como a gente acaba criando um quilombo, assim, de identidade, de diversidade, e se entendendo, se respeitando, né? Então é isso, é sobre todas nós. É sobre falar sobre nós. Porque às vezes, quando a gente silencia, a gente perpetua também um silenciamento. Às vezes, ao não falar, a gente tá também contribuindo pra um mecanismo, um sistema de apagamento que já existe. Então pra mim é minha obrigação também não silenciar outras vozes que estão do meu lado aqui, falando, me ensinando, e que são pessoas com quem eu aprendo, com quem eu convivo, com quem eu posso contar. Seria completamente desonesto da minha parte — o que seria mais fácil, né? — que eu fizesse corpos padrões, não sei o que, corpos que eu sei que daria mais *like*, que aumentaria... Que seria bom pra os algoritmos. Seria mais fácil, mas também eu não me sentiria feliz, nem faria mais sentido também fazer o que eu faço, porque não seria mais sobre mim mesma. Como é que eu vou ficar representando corpos que nem me olham? Pessoas que me olham de cima pra baixo e que nem querem saber de mim, assim, porque eu não pareço com o que elas entendem como bonito,

como... como belo. Então se a gente não se vê enquanto belo, não se respeita no sentido de chegar junto mesmo, de trazer pra si, a gente vai continuar nadando contra a corrente. E tem a ver com isso, assim, de é quem realmente segura nossa mão, né?

Além da expressão dos corpos em si, você cria uma complexidade sobre a subjetividade dessas pessoas, algo que durante muito tempo foi negado e reduzido apenas ao “corpo”. Como é que se dá esse processo?

AG: Vocês poderiam dar um exemplo sobre isso? É porque tem coisas que nem sempre são teorizadas, mas apenas... Simplesmente eu vou fazendo, né? Nem tudo passa por um processo teórico antes, mas é mais fluido, assim.

É que durante muito tempo os corpos, sobretudo das mulheres negras, eram reduzidos à ideia de “só um corpo”, aquilo que é uma máquina reprodutora, com todo esse processo de deslegitimar qualquer produção subjetiva que existisse a respeito de nós mesmas. E quando você representa essas mulheres trans, essas sapatonas em várias possibilidades, essa coisa da maternidade não recomendada, você extrapola a representação do próprio corpo. Talvez isso seja apenas uma leitura nossa a respeito das suas obras, mas é muito explícito que não existe ali só uma representação do corpo pelo corpo, existe toda uma complexidade acerca de como essas relações se constroem, e como possivelmente, como você falou antes, estão ali vinculadas à sua própria vida, né? E como é que se dá essa relação de subjetivação, dessas subjetividades pra você, pra suas criações.

AG: Entendi perfeitamente, obrigada. Tem a ver com a humanização, que inclusive é algo que está sendo debatido muito ultimamente por artistas e intelectuais negros e LGBTQI, sobre o que é ser humano, mas nesse momento pra mim é muito importante tanto ver a mim mesma enquanto um humana, como representar essa humanidade que nós carregamos, né? Porque quando a gente pensa que em algum tempo atrás nossos

corpos estavam em zoológicos, zoológicos humanos, o que a escravidão fez com a nossa dignidade, com a nossa humanidade... Então [esse] é um processo pra nós essa retomada do nosso corpo, assim, sabe? Do nosso corpo, da nossa dignidade, da nossa cosmovisão, da nossa espiritualidade, entendendo que até o formato do nosso corpo tem a ver com uma ancestralidade, com toda uma tecnologia que foi desenvolvida há milhares de anos atrás. O formato do nosso nariz, o nosso tipo de cabelo, o tamanho das nossas costas, né? O nosso formato dos seios, tudo isso aqui é um aprimoramento tecnológico. O nosso corpo é uma tecnologia em processo, e quando a gente aprende sobre isso, a gente fala “caralho, meu corpo é perfeito!”, sabe? A gente para de ficar se sentindo mal porque nossa bunda é grande, ou porque o peito é grande, ou sobre tudo que não parece caucasiano. A gente para de se referenciar, de nos referenciar a uma estética, a uma anatomia de um corpo que não é nosso e nem dos nossos ancestrais... E vê que o nosso corpo não é um problema, de que não tem nada errado com a gente. Então tem muito a ver com isso, assim. E seja nos corpos negros, nos corpos trans, nos corpos intersex, de entender o quanto faz parte de uma diversidade da própria natureza da qual fazemos parte. Então tem a ver com essa humanização que eu tento trazer no meu trabalho, assim. E hoje eu começo a pensar sobre o que é humanização, já que a própria ideia de humanidade é uma ideia branca, foi criada exatamente pra dizer quem era humano e quem não era, pra dizer que o branco europeu é humano, pra desvalidar os outros corpos que não são brancos e europeus como não-humanos e assim poder escravizar e fazer todo tipo de práticas absurdas. Então eu ainda estou pensando assim: o que é ser humano? E por isso que agora meu trabalho também tá entrando em outro caminho, assim, de buscar uma conexão com a natureza, entendendo que a gente é mais um ser vivo nessa natureza, de que esse humano também tem a ver com essa separação do homem que domina as águas, que domina as folhas, que domina a terra, que domina o mundo. E que isso não faz parte também da minha própria filosofia, do que meus próprios ancestrais, tanto negro quanto indígenas, acreditavam... Então tem a ver com

isso, assim, mas que em algum momento, naquele momento, pra mim era importante também dizer o quanto nós somos humanos – humanos no sentido de que somos diversos, de que temos falhas, de que somos um corpo orgânico que se relaciona com o meio, com a terra, com o ar, com a água — e é mais ou menos isso que eu tento trazer no meu trabalho. E falando ainda que corpo não é só corpo, né? Nosso corpo é uma herança. É uma herança de muitos povos, entendendo que a gente é descendente de várias etnias indígenas, de várias etnias de África, então isso aqui (aponta o próprio corpo) é resultado de muita coisa, né? Tem muita coisa atrás disso aqui. Então é isso, o corpo não é simplesmente um corpo, é uma tecnologia de sobrevivência, é uma tecnologia de como viver nesse planeta que foi feito exatamente pra gente. A gente não precisa de máscara, não precisa de máquina pra respirar... Tá tudo aí, né? As frutas, a água, os alimentos, a terra que nos mantém firmes ligades como um ímã a ela, o oxigênio, tudo isso a que temos direito. Tudo é feito pra nós, não só para nós, mas para todos os seres vivos. Porque nós não podemos esquecer que somos parte de uma espécie animal: mamíferos terrestres. Os animais também sabem disso, só a gente que acha que é um outro ser, assim, muito diferentes de todo o resto, e que tudo foi feito pra nossa dominação. São coisas que eu venho aprendendo muito com Ailton Krenak, Davi Kopenawa, com os povos indígenas, Tatiana Nascimento. Eles estão nesse trabalho, assim, de me chamar pra terra (sorri). Pra gente se recolher à nossa insignificância no mundo e também ter autorresponsabilidade. Então é um processo, assim, que a gente vai reinventando, se construindo e desconstruindo. Eu ainda não sei onde exatamente nós vamos chegar, mas mudar também é sempre parte dos nossos processos, então esse processo do corpo humano, de entender a gente enquanto humanos, enquanto parte também de uma espécie, é importante porque a gente é animalizado o tempo todo, a gente vê isso até nos esportes, acho que mais ainda nos esportes, quando atletas negros vencem olimpíadas e são chamados de feras, de bichos, ou mesmo quando... Tem uma atleta, esqueci o nome dela, ela é corredora. Ela foi desclassificada. Ela venceu uma

olimpíada e foi desclassificada porque o corpo dela produz muita testosterona, então até essa coisa hormonal precisa entrar em um padrão, porque um corpo feminino não pode produzir muita testosterona, né? Então a gente vive dentro de um mundo muito cagado, no sentido de não entender o que é diversidade, o quanto a gente funciona de forma muito particular também, né? Que nem sempre quer dizer individual ou única, mas reflete muito sobre muitos outros corpos também. E a gente fala de corpos negros, que por muitos anos tiveram uma alimentação, um cuidado específico, muito diferente do que temos atualmente, desde o consumo do leite, que aprendemos com os brancos, e por isso somos o povo que mais tem intolerância a lactose, entre outras coisas. Então é escuro que um corpo negro no mundo é um outro corpo. Não dá pra simplesmente colocar um corpo branco e um corpo negro e dizer que somos iguais, porque não somos iguais, e eu acho que é importante a gente entender que a nossa luta não é pra ser igual. Eu não quero ser igual a sapatonas brancas, a lésbicas brancas, a pessoas brancas. E tá tudo *ok* com isso. Então tem muito a ver com isso. Não sei se deu pra entender. Eu comecei meu trabalho na busca pela humanização dos corpos que historicamente são desumanizados, mas que agora eu vejo que essa humanização não leva a lugar nenhum na real.

A sua arte apresenta, entre outros temas, uma relação com a ancestralidade, com os sonhos, com as conexões transatlânticas, e com um certo mistério, numa espécie de relação com aquilo que não é dito, mas sentido. Como esses elementos constroem a sua visão de mundo? Como se dá o seu processo criativo?

AG: (Sorri) Essa pergunta é difícil, né? Então... Fui criada por tia-avó, e ela era uma pessoa muito ligada ao espiritual, assim, de entender o significado dos sonhos, fazer o uso de ervas e tal. Então eu cresci entendendo que sonho é algo muito importante, seja pra gente entender como mensagem de seres encantados, seja como respostas que a gente está buscando e que a gente só encontra cá dentro de nós mesmas, né? Então os

sonhos, até hoje, é algo que eu tenho o hábito de escrever o que eu tô sonhando, e tal, e repetir o sonho, e procurar saber o significado. Então é algo, assim... tão importante quanto beber água é sonhar. E, enfim, o sonho fala muito pra a gente. Sonho é realmente uma comunicação entre as coisas muito importantes, como respostas. E vai nos lembrando de assuntos do passado ou que ainda não vivemos. Eu respeito muito o sonho. E cada dia mais eu venho respeitando e entendendo que é uma forma de comunicação, de comunicação espiritual, e por isso que também tento entender o que tenho licença pra registrar em minha arte ou não. Eu venho sonhando muito. O ano passado foi um ano de muitos sonhos, um ano em que a gente estava mais pra dentro. O sonho inspira meu trabalho tanto quanto o que eu ouço, o que eu vejo, o que eu aprendo, e às vezes é algo na rua, é algo que pras pessoas parece algo banal, né? E que a gente vê algo muito particular acontecendo, algo muito poético, e que acaba também sendo fonte de inspiração pra meus trabalhos... A letra de uma música, o que a gente lê... Tudo isso pode ser fonte de inspiração. Embora o que mais me inspire, como meu trabalho é muito voltado a pessoas, é a forma como as pessoas se expressam. Mas depois da Pandemia, raramente consigo ver ou estar com outras pessoas pra conversar, ir pra uma mesa de bar e falar sobre a vida. Muitas vezes se aproveita coisas muito boas dessas conversas. Estar em rodas de conversa com mulheres mais velhas, poder ouvir e conseguir ir linkando com coisas que já estão aqui dentro é muito importante. Fazer essa constelação de pensamentos, de sentir, de estar no mundo e conseguir traduzir isso em uma pintura. Então isso é algo que eu sinto muita falta. Quando eu era mais nova, eu olhava a agenda cultural e via que ia ter uma roda de conversa sobre mulheres e dança, aí eu tava lá colada pra ouvir delas como é a experiência delas com o corpo, com o movimento, com a dança, e dali surgia já uma outra coisa, né? Então, é como parte de um todo mesmo. Eu não trabalho só em nenhum momento, né? Nem quando é por sonho, porque às vezes o sonho vem através de outras energias compartilhadas, coisas que é pra mim mesma. Já outras são coisas pra serem mostradas, pra serem compartilhadas, e eu venho

também aprendendo sobre isso, sobre pedir licença às energias, pedir licença ao meu Orí pra que me dê inspiração, pra que me dê ideias férteis, pra que me de fertilidade nos pensamentos, nas criações, porque a inspiração externa é tão pouca hoje em dia que a gente se sente muito mais falta do que tem pra se alimentar. A gente tá vivendo um momento muito de vacas magras em termos de criatividade, de inspiração, de produção artística. Porque é isso, sabe? Ir a uma peça teatral, ir a um espetáculo de dança, ir a um show, todas essas coisas são importantes pra nossa alimentação, sabe? E nem tudo a gente vai encontrar na Netflix, né? Nem tudo a gente vai encontrar em canais, no *streaming*. Tem coisas que são insubstituíveis, e eu sinto muita falta disso, eu sinto o quanto o meu trabalho precisa também dessas influências pra criar algo, porque não dá muito pra separar o que é meu, o que é de criação mais minha, do que coletivo, né? É muito bom fazer algo que também é inspirado em outros trabalhos e outras produções e outras partes de artes, de criações artísticas. Aí volto pra o que eu disse antes, do quanto a gente alimenta e é alimentado. É sempre um processo de dar e receber o tempo todo. A gente não tem como dar se a gente não recebe, se a gente tá de estômago vazio. Então, pra mim, esse momento tá sendo esse processo de pensar em como a gente pode gerar essa energia de vitalidade e pode estar se alimentando muito mais de dentro pra fora, do que de fora pra dentro. E tanto o meu trabalho, como vejo o trabalho de outros artistas, tá sendo muito mais esse processo de dentro pra fora, uma coisa muito mais analítica, dando mais atenção à nossa intimidade com o espaço, com as plantas na varanda ou mesmo escutar a própria solidão, revisar os fantasmas do passado, as memórias, os esquecimentos, os nossos hábitos, a coisa que a gente tentou jogar pra debaixo do tapete e de repente tropeça. Então tá sendo um momento mais intimista de trabalho e entendimento.

Em uma postagem na sua rede social, você escreveu “Nossos corpos estão preparados para se recuperar”. Você poderia falar um pouco sobre isso?

AG: Sim. Foi em meio à pandemia que eu comecei a ler também a Octávia Butler, e eu cheguei até a comentar contigo que lia a Octavia Butler, e você disse: “não, não, a gente já tá vivendo um momento apocalíptico, eu não dou conta de mais caos, de entrar nisso”. (Risos). E foi exatamente o que eu fiz, eu falei “nossa, eu preciso entender o que é apocalipse!”, eu preciso entender como a gente sobrevive a isso, sabe? E mergulhei de cabeça na ficção científica apocalíptica. Uma das coisas que Octávia traz é sobre a capacidade que nós temos, tanto de mudança, de adaptação, quanto de como a gente consegue também se curar, né? O quanto a gente consegue se curar, por mais difíceis que sejam as situações que a gente passa, irreais. Vai chegar um momento que a gente vai começar a entender o que tá acontecendo, a gente vai começar a organizar o caos, né? E nesse processo a gente vai se recuperando, porque esse é o mecanismo natural dos nossos corpos. Existem milhares de células que estão trabalhando o tempo todo nesse processo de regeneração, de cura, de defesa do nosso corpo, de ir aprendendo sobre o meio... E é isso também, a gente confiar nesse corpo que é tecnologia mesmo, porque é tecnologia mesmo de recuperação, a gente é fruto disso. Nossos ancestrais sobreviveram, né? E essa tecnologia de sobrevivência está no nosso DNA. Foi essa mensagem que me acolheu, por mais estranha que pareça, que me acolheu no sentido de saber que já vivemos muitos apocalipses. E quando eu falo “a gente”, é pensando na gente enquanto corpo-continuação. Tanto em termos espirituais, assim, de entender que a gente não é novo nesse plano, mas que já voltamos de muitas maneiras, em muitos corpos, mas também o quanto nosso corpo, o que a gente chama de DNA, ele guarda tecnologias de sobrevivência, de recuperação, de regeneração, e que a gente sempre vai achar um meio de se regenerar e de atravessar situações difíceis. Já tá aqui dentro.

"Our bodies are primed to recover": An interview with Ani Ganzala

Abstract: Black woman, mother, dyke and decolonial activist, the Salvadoran Ani Ganzala is recognized for producing, in her watercolors and graffiti, a representation of the crossroads that constitute the black, dykes, candomblecists, fat, and many other bodies. She appropriates several aesthetic resources to portray not only the daily life around her, but the cosmovisions produced by the encounter of these identities. At a time when we are going through a serious health, social and economic crisis in Brazil, with the loss of more than 553 thousand victims to Covid-19, in this interview Ani Ganzala offers us a balm to go through difficult times, pointing out collective solutions produced by a knowledge that is also ancestral. In addition, she develops her perception of specific themes, already mentioned in her writing of herself, such as motherhood not recommended, dyke love and activism.

Keywords: Lesbianities; Feminism; Breed; Artivism

Recebido: 31/07/2021
Aprovado: 04/03/2022